

## A PSICOLOGIA POLÍTICA DE WILHELM REICH (\*)

Amadeu de Oliveira Weinmann (\*\*)

### RESUMO

O artigo apresenta os fundamentos da *psicologia política*, proposta por Wilhelm Reich, por meio da reconstituição histórica do seu processo de construção. Simultaneamente, problematiza em que medida tal psicologia pode contribuir para a crítica social contemporânea, concluindo que, nos seus aspectos essenciais, a psicologia política reichiana pode constituir-se em um vigoroso instrumento de análise de fenômenos sócio-políticos e culturais da atualidade.

**Palavras-chave:** psicologia política, prevenção de neuroses, revolução sexual e democracia do trabalho.

### ABSTRACT

The article presents the fundamentals of the *political psychology* proposed by Wilhelm Reich through the historical reconstitution of its process of construction. Simultaneously, it questions to what extent this psychology can contribute to contemporary social critic, and concludes that, in its essential aspects, Reich's political psychology can constitute a vigorous instrument for the analysis of current socio-political and cultural phenomena.

**Key Words:** political psychology, prevention of neurosis, sexual revolution and labor democracy.

---

(\*) Trabalho apresentado na oficina *Economia solidária e autogestão: re-visitando a "democracia do trabalho"*, de Wilhelm Reich, organizada pela Sociedade Wilhelm Reich/RS, no IIº Fórum Social Mundial (Porto Alegre, fev. de 2002). Publicado na *Revista reichiana do Instituto Sedes Sapientiae*, São Paulo, ano XII, n. 12, p. 64-71, 2003.

(\*\*) Psicoterapeuta Reichiano (CRP: 07/09371), historiador, especialista em Clínica Psicanalítica e doutor em Educação.

A nossa psicologia política não poderá ser outra coisa que um estudo do “fator subjetivo da história”, da estrutura de caráter do homem numa determinada época e da estrutura ideológica da sociedade que ele forma. Esta psicologia não se opõe (...) à sociologia de Marx, quando lhe sugere uma ‘visão psicológica’ dos fenômenos sociais; pelo contrário, ela reconhece o mérito dessa sociologia que a partir da existência infere uma consciência (Reich, 1988 [1933b]: p. 15)<sup>1</sup>.

Em que medida o pensamento de um autor da primeira metade do século XX pode contribuir para a crítica social contemporânea? Esta é uma questão que aflige o autor destas linhas, no momento mesmo em que as escreve. No entanto, penso ser possível propor que, a despeito de reconhecermos que uma obra insere-se em contextos discursivos que lhe são próprios, também podemos admitir que esta mesma obra repouse suas raízes sobre debates e proposições que lhe são muito remotas, no passado. Da mesma forma, não seria inconcebível sugerir que uma obra possa lançar-se sobre o futuro, agregando questões e instigando discussões que, sem ela, talvez não pudessem vir a ser realizadas. Tal perspectiva implica uma *temporalidade* diferente de uma concepção linear, evolutiva, onde o presente simplesmente supera o passado e progride em direção ao futuro. Por entender que, no plano das idéias, este ir e vir no tempo pode ser muito fecundo, retomo, neste trabalho, algumas das proposições de Wilhelm Reich que me parecem preservar sua contundência original no contexto atual.

Wilhelm Reich ingressou no movimento psicanalítico em 1920, em um momento em que a instituição psicanalítica procurava ampliar o alcance da sua intervenção por meio da fundação de *clínicas psicanalíticas públicas*. Este importante passo não ocorreu livre de debates e de polêmicas. Freud estabelecera alguns critérios de analisabilidade dos pacientes, que acabavam por tornar a psicanálise uma prática elitizada. O atendimento à população carente, nas clínicas públicas, haveria de trazer uma série de questionamentos não apenas à técnica da psicanálise, mas, também, em relação a suas implicações sociais.

Reich abraçou integralmente a essas duas questões. Propôs a Freud a criação de um seminário sobre a técnica, na Clínica de Viena – seminário este que dirigiu a partir de 1924, até a sua dissolução, em 1930, e que importantes contribuições trouxe à técnica da psicanálise<sup>2</sup> –, e envolveu-se visceralmente com o que denominou de trabalho de *prevenção de neuroses*. Era convicção de Reich que as neuroses constituem uma

---

<sup>1</sup> Em todas as citações, a primeira data é a da edição utilizada e a que se encontra entre colchetes é a da publicação original.

<sup>2</sup> Este artigo não se ocupará de questões clínicas. Aos interessados neste tema, recomendo, especialmente, a leitura de Reich (2001 [1933a] e 1994 [1942]).

espécie de epidemia de massa, isto é, que afetam amplas camadas da população, que os seus efeitos não são menos danosos do que aqueles decorrentes da doença orgânica, ou da pobreza material, e que as suas causas não deveriam ser procuradas, exclusivamente, na esfera psíquica, mas que seria fundamental remontar as suas origens às condições sociais vigentes. Por tudo isto, Reich postulava que apenas a psicoterapia individual não seria suficiente para dar conta da amplitude deste problema.

Por entender que no núcleo do sofrimento neurótico encontram-se, regularmente, violentos conflitos relativos à sexualidade do sujeito, Reich direcionou as suas investigações para a análise dos fatores *sociais* responsáveis pelo fato da sexualidade não poder ser experienciada livre de maiores contradições. Com esse fim em vista, fundou em 1928, juntamente com outros médicos e psicanalistas, a *Sociedade Socialista para Consulta Sexual e Pesquisa Sexológica*. Tal instituição mantinha *centros de orientação sexual*, que eram avidamente procurados por trabalhadores pobres – jovens, especialmente –, com o intuito de obter esclarecimento em relação a questões como aborto, contracepção, masturbação, educação sexual das crianças e dos adolescentes, relacionamentos amorosos extraconjugais, ou não legitimados pelo casamento legal, etc. Enfim, sobre todos aqueles aspectos da sexualidade que ultrapassam a finalidade reprodutiva e que eram sistematicamente negligenciados pelas instituições médicas, educacionais, políticas e religiosas.

A experiência na Clínica Psicanalítica Pública e nos Centros de Orientação Sexual levou Reich a concluir que a moral sexual vigente – fundada no vínculo entre casamento e interesses econômicos, na opressão da mulher e na proibição das crianças e dos adolescentes de introduzirem-se em jogos eróticos condizentes com as suas possibilidades – cumpria a função de inserir, na estrutura familiar, o autoritarismo da ordem social capitalista. Em seu percurso de investigações acerca da *etiologia social das neuroses*, Reich descobriu que a repressão social da sexualidade, mediada pela família autoritária, estava intimamente ligada à opressão sócio-econômica e política realizada pela sociedade capitalista – e isto acabou por aproximá-lo da teoria marxista. Entretanto, no diálogo com os marxistas, Reich percebeu que as suas concepções careciam de uma formulação adequada a respeito da subjetividade humana – do mesmo modo que havia concluído que faltava à psicanálise uma perspectiva sociológica. Dedicou-se, então, à elaboração de articulações possíveis entre esses dois campos conceituais, supondo ser isto necessário para iluminar a sua práxis revolucionária. Deste esforço nasceu seu livro *Materialismo dialético e psicanálise*, berço de todo o freudo-marxismo posterior.

Ao mesmo tempo em que desenvolvia a sua singular concepção clínica – a *análise do caráter* –, a qual visava libertar as forças vivas do sujeito de seu aprisionamento na estrutura neurótica de caráter – socialmente condicionada<sup>3</sup> –, e que levava adiante o seu trabalho de prevenção de neuroses, Reich militava no Partido Comunista (ao qual filiara-se em 1927). Disto resultou um convite, em 1929, para visitar a URSS, onde proferiu palestras em vários centros universitários, psicanalíticos e de saúde pública, encontrando uma receptividade para as suas idéias muito superior a que estava habituado, em Viena. Mas as impressões mais marcantes desta viagem à URSS decorreram dos seus encontros com a psicanalista Vera Schmidt, que fundara um jardim de infância, em Moscou, inteiramente baseado em uma concepção libertária da educação. Reich vislumbrou, na escola de Vera Schmidt, a concretização dos seus ideais de que é possível educar crianças com um mínimo de repressão, possibilitando-lhes a experiência do prazer de viver e o desenvolvimento da autonomia. Entusiasmo semelhante haveria de sentir na sua longa e profícua amizade com o pedagogo inglês Alexander Neill, fundador da escola *Summerhill*. Com estes autores, Reich compartilhava uma “(...) profunda crença no potencial humano, seja para o exercício da liberdade, seja para a experiência da responsabilidade e a vivência da criatividade” (Albertini, 1994: p. 70).

Retornando à Viena, Reich participou de um encontro decisivo na casa de Freud. Em uma reunião restrita aos membros da Sociedade Psicanalítica de Viena, dedicada ao debate das relações existentes entre neurose, repressão sexual e civilização, Reich apresentou as suas teses de que a sociedade do seu tempo era eminentemente repressiva – especialmente em relação às crianças –, de que por isto o sofrimento neurótico era de tal forma disseminado e que, portanto, fazia-se necessária uma profunda reformulação das estruturas sociais e culturais. Freud contrapôs-se energicamente a estes pontos de vista, sustentando a idéia de que a vida civilizada pressupõe a repressão de importantes aspectos da vida pulsional humana<sup>4</sup> – entre eles, o sexual – e assumindo uma postura cética frente às propostas de transformação social preconizadas pelo grupo de psicanalistas marxistas (a denominada esquerda freudiana), do qual Reich era um dos expoentes (Wagner, 1996).

Sem esperanças de encontrar apoio para o seu trabalho na conservadora Viena, Reich muda-se para Berlim, em setembro de 1930. Na Sociedade Psicanalítica de Berlim havia um grupo importante de analistas marxistas e tanto o seu trabalho de prevenção de neuroses, quanto a sua técnica de análise do caráter, eram vistos com bons olhos. Reich

---

<sup>3</sup> “(...) cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir” (Reich, 2001 [1933a]: p. 4).

era freqüentemente convidado a palestrar sobre a *origem social das neuroses* para médicos, estudantes e operários e, desta forma, pôde ampliar o seu trabalho com a juventude proletária<sup>5</sup>. A ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha, em 1933, veio a interromper bruscamente essa trajetória. Em meio ao caos instalado, Reich foi expulso do Partido Comunista – acusado de querer desviar o foco de transformações da esfera econômica para a sexual – e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), por querer misturar a ciência psicanalítica com a política marxista (Wagner, 1996).

A vitória do nacional-socialismo na Alemanha deixara perplexos todos aqueles que se encontravam envolvidos com um projeto de transformação social de cunho socialista. A pergunta que pairava no ar era: *como que, no momento em que a crise social atingira níveis catastróficos, a classe trabalhadora colocara no poder um grupo político comprometido com o reordenamento autoritário da sociedade capitalista alemã?* Reich proporá que se aborde tal questão desde a perspectiva da *psicologia política*. Em *Psicologia de massas do fascismo* – publicado no exílio, poucos meses depois desses acontecimentos –, Reich critica o enfoque *economicista* do Partido Comunista. De acordo com esse ponto de vista, o agravamento da crise sócio-econômica produziria efeitos sobre a ideologia da classe operária, *necessariamente* no sentido do seu engajamento na luta pela transformação revolucionária da sociedade.

Para Reich, a *estrutura psíquica* de grande parte da população alemã formara-se de acordo com o modelo autoritário de organização das instituições sociais: família, escola, igreja, estado, etc. No momento de agravamento da crise social, quando alguma solução drástica precisava ser adotada, esta população, pela maioria dos seus membros, recorreu a quem prometia restabelecer a ordem. Reich aponta que os comunistas não conseguiram compreender a *psicologia das massas* – não levaram em consideração aquilo que a tradição marxista-leninista denomina *fator subjetivo da história* (Reich aproxima essas duas noções) – e que, por isto, perderam a batalha para os nazistas. Por outro lado, a ideologia fascista apelava exatamente para os aspectos emocionais mais firmemente enraizados no imaginário do povo alemão: a revolta contra as condições sociais adversas e o anseio por reconstituir a sua filiação à autoridade.

---

<sup>4</sup> Estes argumentos freudianos viriam a ser desenvolvidos, posteriormente, em seu trabalho *O mal-estar na civilização* (Freud, 1996 [1930]).

<sup>5</sup> O movimento da SEXPOL (Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária), fundado por Reich em 1931 e vinculado ao Partido Comunista Alemão, chegou a contar com 40.000 associados em toda a Alemanha (Boadella, 1985).

Reich atribuirá a este reducionismo econômico – de acordo com o qual a ideologia<sup>6</sup> consiste em um *reflexo* da base econômica da sociedade –, o processo de degeneração da revolução soviética, que denunciará em *A luta pela “nova vida” na União Soviética*<sup>7</sup>. Neste longo artigo, demonstrará que a consolidação da ditadura stalinista fez-se acompanhar da revogação da *legislação sexual progressista*<sup>8</sup>, promulgada no momento de maior vigor revolucionário, e do retrocesso no campo da *revolução cultural* – que teria na *revolução sexual* o seu ponto nodal –, sob o pretexto de que a transformação econômica da sociedade possui prioridade.

Desencantado com o marxismo, Reich propugnará a defesa do *trabalho vitalmente necessário*, realizado com prazer e de forma solidária e no qual a alienação do trabalho é superada pela liberdade e responsabilidade do trabalhador, seja ele um operário, um médico, ou uma mãe que amamenta. Esta *democracia do trabalho* rejeita a intervenção autoritária e centralizadora do estado, não se apóia em partidos políticos para a consecução dos seus objetivos e tampouco consiste em um ideal a ser atingido; ela propõe, simplesmente, o reconhecimento e o fortalecimento das experiências que rompem com a cultura repressiva nas mais diversas facetas da existência humana.

Concluindo, podemos afirmar que a *psicologia política* de Wilhelm Reich constrói-se em torno dos eixos *sexualidade* e *poder* e em um permanente diálogo com a *psicanálise* e o *marxismo*. Sua premissa originária, oriunda da experiência de Reich em clínicas públicas, era de que a psicoterapia seria insuficiente para dar conta do problema do sofrimento psíquico, visto como uma grave questão de saúde pública; fazia-se necessário um amplo trabalho preventivo que, no limite, implicava em radicais alterações da ordem social. Sua premissa posterior, decorrente do envolvimento político de Reich, era de que a revolução social pressupunha profundas transformações na constituição psíquica das massas. É na tensão entre essas premissas que se desenvolve a psicologia política de Wilhelm Reich. Esta psicologia compreende o humano no ponto de entrecruzamento de fatores subjetivos e sociais<sup>9</sup> e concebe a política como sendo a atividade através da qual o ser rompe a alienação, faz-se *sujeito histórico*.

---

<sup>6</sup> Reich (1988 [1933b]) considera a ideologia uma *força material* não menos poderosa do que as relações sócio-econômicas, capaz de determinar a organização destas tanto quanto de ser por elas determinada e permeada por múltiplos processos contraditórios, cuja predominância oscila de acordo com a relação estabelecida, a cada momento, entre as forças sócio-políticas.

<sup>7</sup> Incluído em *A revolução sexual* (Reich, 1981 [1936]).

<sup>8</sup> Reich refere-se à revogação da legislação que eliminou o “pátrio poder”, que equiparou a união estável entre homem e mulher ao casamento legal, que suprimiu a noção de “filho ilegítimo”, que liberou o aborto e o controle de natalidade e que proibiu a repressão à homossexualidade, bem como às medidas que re-introduziram o cerceamento das atividades sexuais da juventude e os métodos autoritários na educação de crianças.

<sup>9</sup> A descrição do modo como Reich inclui fatores *biológicos* nesta equação extrapola o alcance deste artigo.

Considero que esta perspectiva, em seus elementos centrais, permanece atual. Poder pensar a esfera pública sem desprezar a vida privada, e vice-versa, parece-me um avanço teórico fundamental. Reconhecer a atividade política como atravessando todos os pontos do tecido social, deslocando-a de uma referência exclusiva ao estado<sup>10</sup>, constitui-se na abertura para a valorização da *sociedade civil* como sendo o espaço onde os sujeitos organizam-se e lutam na defesa de seus mais diversos interesses: de classe, gênero, raça, orientação sexual, etc.

A ênfase conferida por Reich à *repressão da sexualidade*, como o fator decisivo na alienação psíquica das massas, é questionada por importantes autores contemporâneos – Michel Foucault (1997), por exemplo. No entanto, o próprio Foucault (1993) reconhece que toda forma de poder se exerce, em última análise, sobre o corpo humano. Para Reich, a constituição de um sujeito não alienado passa, necessariamente, pela relação que cada pessoa mantém com o seu corpo e as possibilidades de prazer que dele podem advir: ou este corpo é objeto do gozo de um outro, ou só então poderemos, efetivamente, falar de um sujeito.

A intensa sexualização do cotidiano, que se observa na vida social contemporânea, parece ter tornado obsoleto o conceito de repressão sexual, bem como qualquer tentativa no sentido de encontrar no campo da sexualidade a explicação para o mal-estar que vive a sociedade atual. No entanto, o consumo maciço das “pílulas da felicidade” – Prozac, Viagra, etc –, leva-nos a suspeitar que a *experiência do prazer* segue sendo furtada a um grande número de pessoas, ao mesmo tempo em que é tornada um imperativo, associado à possibilidade de consumo de mercadorias. Vemos, assim, libido dessexualizando-se vertiginosamente no processo de trabalho – em busca de um sonho de consumo, que nunca se consuma –, e ligando-se a personagens políticos que representam, para o trabalhador alienado, a imagem de um ideal – prometido, mas jamais alcançado –, do que ele desejaria vir a ser. É nesta perspectiva que considero que permanecem vivas as contribuições de Wilhelm Reich à crítica social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTINI, Paulo.** *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora, 1994.
- BOADELLA, David.** *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus, 1985.

---

<sup>10</sup> Foucault (1995) desenvolverá magistralmente estes pontos de vista.

- DADOUN, Roger.** *Cem flores para Wilhelm Reich*. São Paulo: Moraes, 1991.
- FOUCAULT, Michel.** *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FREUD, Sigmund.** O mal-estar na civilização (1930). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 21.
- REICH, Wilhelm.** *Materialismo dialético e psicanálise* (1929). Lisboa: Presença, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Análise do caráter* (1933a). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia de massas do fascismo* (1933b). São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A revolução sexual* (1936). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A função do orgasmo* (1942). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- WAGNER, Cláudio.** *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.